Prefácio

Como Otto Maria Carpeaux, que em sua "história da literatura ocidental" disse que adorava prefácios ao escrever o prefácio da obra, eu também digo que adoro prefácios. Entretanto, destaco que não terminei de ler o prefácio, quiçá a obra inteira do brilhante escritor. Dada a veloz e volumosa ocorrência de citações e referências de Carpeaux, não me senti à vontade para continuar lendo algo tão elevado. Me senti desconfortável, atacou minha vaidade, me senti extremamente pequeno.

A culpa não é do austríaco, nem do meu semi-analfabetismo, afinal não é crime ou vício ser burro em função das circunstâncias. A culpa é da minha vaidade, que olhou para o Everest e desistiu de subir uma escada.

Neste prefácio eu apenas queria dizer que gosto de prefácios. Principalmente daquele em "The Picture of Dorian Gray". Muito leve, muito simples, muito conciso, carregado de significado.

É o prefácio para todos aqueles que já se encarregam de dar satisfações sobre a qualidade de sua obra antes de qualquer coisa.

Se assim o é o prefácio do querido Oscar Wilde, não preciso fazer outra coisa senão simplesmente citá-lo diretamente:

There is no such thing as a moral or an immoral book. Books are well written, or badly written. That is all.

Nisto eu creio. Posso escrever muito mal.

We can forgive a man for making a useful thing as long as he does not admire it. The only excuse for making a useless thing is that one admires it intensely.

All art is quite useless.

Eis, então, mais uma inutilidade:

PRODUTIVIDADE POÉTICA

Eu quero ser autor

Para isso ser

Devo com labor

Um livro inteiro escrever

Quarenta e nove páginas

É o que a lei permite

Faço poesia espaçada

Gastando pouco grafite

Dois poemas por lauda

Cinco por dia

A tarefa logo acaba

Vou ter obra publicada

Esse ficou maior

Enche uma folha

Se eu usar fonte quinze

Acabo cedo numa boa

HAIKU POESIA LIVRE

Escrever poesia é fácil

Difícil é ler depois

Não conto as sílabas

Só rimo dois com pois.

POEMA II

Nessa noite eu escrevo

Na manhã já não quero

O que escrevo não serve

Porque nunca tenho esmero

Os que sabiam poesia

Hoje inexistem sem saber

Porque se houve quem os lia

Tratamos logo de esquecer

Não quero ser lido

Não quero ser não lido

Não quero

Só quero não querer

PLACA DA GOODYEAR

Passa a placa da goodyear ao lado do meu ouvido direito.

O céu do fim da tarde é azul marinho, ou o mar é azul celestial deste céu que eu vi atrás da placa da goodyear.

Na estrada o céu parece filme. Eu me sinto em um filme.

Um filme onde a história é de liberdade, onde tudo é irrelevante, até a vida.

Onde se viaja e nunca chega.

A placa da goodyear é uma cena de filme, onde a câmera é movente.

Menos de um segundo, 10 metros desatentos, e um filme inteiro se desvela.

Um filme que não tem roteiro, um filme que só tem acontecimentos.

Dos filmes que eu gosto.

Tudo isso por uma placa da goodyear.

Não há reparo quanto à estética. A estética da estrada é sempre linda.

Quando se sobe a vista é onde se encontra a mais pura beleza.

O céu, feito por Deus, nunca é feio, em qualquer hipótese.

Magnífico e imponente quando enegrecido pelas pesadas nuvens que trazem tempestade

Acolhedor e esperançoso naquele azul ensurdecedor.

Bucólico quando as nuvenzinhas brancas marcham lentamente.

Psicodélico num rosa, alaranjado, roxo da alvorada enuviada esparsamente.

Num verde da noitinha que diz calmamente a hora de ir pra casa, que você só ouvirá se olhar pra cima

E no cinza perene, totalmente sem gradiente, onde o céu parece um teto, e a beleza está no quão absoluto aquele cinza quer ser.

Eis o céu, que nunca é feio.

E a placa da goodyear vem na sua frente.

Com certo desrespeito.

Mas vem sem enfeiar.